

Público

“Digo que se sabe mais em um dia agora pelos portugueses do que se sabia em cem anos pelos romanos”



João José Alves Dias

Com a data de 1563 inscrita na portada, foi impressa, em Goa, na oficina onde trabalhava o tipógrafo Johannes aus Emden, com o nome adaptado em Ioannes de Endem, um dos livros que dignificam o conhecimento prático e a experiência científica dos portugueses de Quinhentos: *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India*, que se deve ao médico Garcia de Orta (1499-1567).

Trata-se de um livro de matéria médica – ou de farmacognosia, como se classifica hoje esse ramo da medicina. Foi sempre classificado como livro de Medicina, quer por Diogo Barbosa Machado [*Bibliotheca Lusitana*, Tomo III, Lisboa, 1759, p. 588], quer pela casa Plantiniana, quando refere a obra no catálogo das publicações da sua tipografia [*Index librorum qui ex typographia Plantiniana provierunt*, Antuerpiae, 1615, p. 30].

O facto de Garcia de Orta ter estudado Medicina em Salamanca não foi estranho à elaboração deste trabalho, como o não foi na elaboração da obra científica de um outro médico português, João Rodrigues de Castelo Branco (que passou à história como Amato Lusitano, 1510-1568); e de um médico castelhano, Andrés de Laguna (1499-1559). Todos frequentaram os mesmos estudos e universidades, na época. É que a Universidade de Salamanca detinha, já nessa época, um dos mais bonitos manuscritos da obra *De medica materia*, estabelecido com base no escrito de Pedanos Dioscorides (séc. I). Nele se listavam quer os simples – produtos de origem vegetal, animal e mineral –, quer as drogas – os compostos manipulados a partir desses simples – que serviam de remédio ou de tratamento às doenças. Faltava era o estudo científico da equivalência dos nomes do passado aos nomes da época e o estudo prático, que confirmava ou não, todas essas qualidades, particularidades e especificidades.

Garcia de Orta aplicou todos os conhecimentos adquiridos no tratamento dos seus doentes, tentando manipular o uso quer das drogas, quer dos simples. Se a Portugal – vindos diretamente do Oriente pelas viagens comerciais dos portugueses – chegavam muitos desses produtos, a mudança para a Índia, ocorrida no ano de 1534, proporcionou-lhe novos estudos, novas experiências e novos resultados. A prática quotidiana era, agora, a fonte direta da sua erudição, que se tornava mais pura e científica. Garcia d’Orta vai escrever neste seu livro: “Digo que se sabe mais em um dia agora pelos portugueses do que se sabia em cem anos pelos romanos.” [f. H₄]

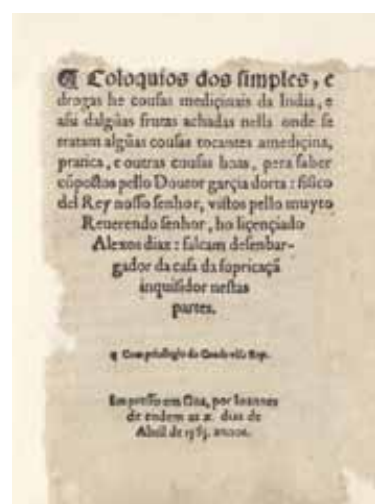
Começou por preparar a obra em latim, talvez inspirado na forma da transmissão do conhecimento nas universidades da Europa; mas depressa se consciencializou de que era o idioma português aquele que desempenhava o papel de união e de transmissão do conhecimento ao longo de todo o território para o qual produzia a obra. O português era, então, a língua franca que desempenhava no Oriente o papel que o latim desempenhava no Ocidente.

Da edição original, com data impressa de 1563, subsistem, hoje, localizados, 28 exemplares apenas. Pode ser que o futuro venha a revelar algum mais, escondido em alguma biblioteca sem estar ainda identificado ou de consulta privada. Para o estudo que nos encontramos a desenvolver – a reconstituição das versões da edição original, em colaboração com a Biblioteca Nacional de Portugal – observámos todos esses 28 exemplares.

Estamos autorizados a revelar que existem, para alguns cadernos ou para alguns fólhos, composições distintas. Algumas folhas registam mudança de texto, ora com acrescentos, ora com supressões, ora com alterações pontuais, cujo estudo será divulgado na obra *Diálogos com os Colóquios*, em curso de publicação (2020) pela Biblioteca Nacional de Portugal. Outras vezes são apenas variantes de carácter gráfico da impressão. Também com a chancela da mes-



FOI RESPEITADA A OPÇÃO ORTOGRÁFICA DOS AUTORES



22 de Outubro
Coloquios dos Simples, e Drogas he Cousas Medicinais da India

Garcia de Orta

29 de Outubro
Libro de Algebra en Arithmetica y Geometria

Pedro Nunes

5 de Novembro
Teorias de Einstein: o Principio de Relatividade Restrita

Mário António da Cunha Mora

ma Biblioteca Nacional de Portugal foi preparada uma edição – quase original, com o auxílio e a dedicação de Fátima País – em que não são visíveis os desgastes provocados quer pelo homem, quer pelos insetos, na voragem do tempo, como quase sempre acontece numa edição fac-similar.

Essa edição impressa em Goa, em 1563, foi impressa em caracteres e com formas que hoje podem apresentar alguma dificuldade na sua leitura; é que existe todo um conjunto de abreviaturas que hoje são menos conhecidas. Dificultam ainda a leitura as inúmeras gralhas que afetaram a impressão do texto. Mas foi esta a edição que influenciou uma série de estudos que lhe são devedores. Lembremos, entre outros, apenas a obra escrita, adaptada ou comentada por Nicólas Monardes (1512-1588), Cristóvão da Costa (1515-1594), Juan Fragoso (1530-1597), Prospero Alpino (1553-1617), Abraão Zacuto (1576-1642), e ainda Jacob de Bondt (1592-1631).

O livro de Garcia d’Orta foi adaptado para latim, numa forma abreviada, sem ser em diálogo, por Charles de l’Écluse (1526-1609), que lhe acrescentou imagens; conheceu diferentes edições, impressas em Antuérpia, a partir de 1567. E foi esta versão da obra que lhe deu a grande projeção internacional. As traduções em língua italiana (feita por Annibale Briganti, com diferentes edições, das quais a primeira é de 1576) e em francês (feita por Antoine Colin, com 1.^a

edição em 1602) seguiram esta versão latina.

Garcia d’Orta nasceu em Castelo de Vide, entre 1499 e 1501 e morreu em Goa, em 1567, segundo os estudos mais recentes. Nasceu numa família de judeus convertidos, oriundos de Castela. Coursou as universidades de Salamanca e Alcalá e formou-se em Medicina (1526). Ensinou na Universidade de Lisboa (1533). Partiu para o Oriente (1534) sendo médico pessoal de Martim Afonso de Sousa, que chegou a governador da Índia de 1542 a 1545. Residiu em Goa e em Bombaim. Casou-se com Brianda de Solis, com quem teve duas filhas. Após a sua morte, a família Orta é arrastada para o tribunal da Inquisição de Goa, com denúncias em 1568. Uma sua irmã, Catarina d’Orta, acabou sentenciada à morte, em 1569, sendo queimada, viva, em auto de fé. Embora Garcia d’Orta nunca tivesse tido qualquer problema com a Igreja, o seu nome foi arrastado nessa devassa à família por práticas de judaísmo. Os seus restos foram desenterrados da sua sepultura na Sé de Goa e as suas ossadas queimadas em auto de fé em 1580.

O livro de Garcia d’Orta que o leitor tem em suas mãos é ainda importante, por nele estar impresso o primeiro poema de Luís de Camões (1524-1580), “Aquele unico exemplo”, como pode ser observado, entre os textos preliminares da obra [f. 4v-5v].

Doutor em História; professor na Universidade Nova de Lisboa